

Não queremos nada com a bandidagem!

24/9/86



Artur da Cruz Correia e Lurdes da Conceição Sá: dois portugueses identificados com os interesses do povo moçambicano

ARTUR da Cruz Correia e Lurdes da Conceição Sá, são um casal de portugueses que vive há mais de 27 anos na Angónia. Desde que chegaram a Moçambique, toda a sua vida foi dedicada à agricultura e à pecuária. Aqui nasceram duas filhas do casal.

Fomos encontrar o casal Artur e Lurdes muito recentemente em Ulongôê. Misturados entre o povo, eles foram ao aeroporto participar na recepção ao Presidente Samora Machel e, mais tarde, sempre com o mesmo entusiasmo, apesar da sua idade avançada, lá estiveram no comício.

Pela sua maneira simples de se comportar, o casal não passou despercebido a ninguém. Com Artur e Lurdes conversámos durante algum tempo, o suficiente para saber alguma coisa de si.

Ele nasceu em Souto da Velha, em Moncorvo. Ela nasceu em Felgar, também Moncorvo, no Norte de Portugal. Ele chegou à Angónia no dia 7 de Abril de 1959. Ela dois anos depois.

A sua história do passado é igual a muitos portugueses que foram enviados para Moçambique pelo regime colonial-fascista. Como eles muitos outros chegaram ao Limpopo, ao vale do Zambeze e à Angónia.

Pobres, vítimas da exploração. Ignorantes, vítimas da opressão. Mas eram colonos, por serem brancos, e por esse privilégio gozaram de um estatuto muito embora inferior ao dos colonos das cidades, com mais instrução.

De Portugal vieram na terceira classe de um barco qualquer. Desembarcaram sem nada na Beira. Eram colonos que, seduzidos pela árvore das patacas do colonialismo, vinham

à aventura na ânsia de uma vida melhor.

Os anos passaram e por aqui ficaram. Chegou a altura da independência nacional. E, ao contrário de muitos outros colonos, Artur e Lurdes não fugiram. Optaram por ficar. Não tiveram medo.

— Gostamos muito da terra e da gente. A nossa vida é aqui até morrer. Só no ano passado é que fomos pela primeira vez a Portugal desde que chegámos a Moçambique. Mas voltámos logo, por que aqui é que é a nossa terra — diziam-nos Artur da Cruz Correia.

Quisemos saber o que faziam. Como ia o trabalho, como funcionava a machamba. Artur respondeu-nos:

— Estamos à espera que nos deem outra machamba. O administrador lá nos prometeu e estamos à espera. A machamba, que tínhamos, foi destruída.

— Mas quem a destruiu? — perguntámos nós.

A resposta veio de Lurdes da Conceição Sá firme e convincente:

— Foi a bandidagem.

Contaram-nos que numa noite, não há muito, os bandidos armados chegaram à sua machamba e destruíram tudo o que havia e roubaram o que puderam roubar.

— Ficámos sem nada. Se eu pudesse falar com o nosso Presidente para nos ajudar, seria muito bom. Eu sei que, se fala-se com o nosso Presidente, ele nos ajudaria — afirmou-nos Lurdes da Conceição Sá.

Mas o tempo era curto. O povo não dava descansa a Samora Machel. Por isso, o desejo de Lurdes e de Artur não foi concretizado. Mas eles já estiveram no comício e de nós comentaram:

— Não queremos nada com a bandidagem!